

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis à entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 26500 réis; Semestre ou 26 numero 13200 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 13 DE AGOSTO DE 1882 — N.º 25 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 78000 réis; semestre ou 26 numeros 48000 rs.; trimestre ou 13 numeros 28000 rs.; avulso 200 rs

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMARIO

GRAVURAS:—El-rei morreu! viva el-rei. A venda forçada. O cavalleiro e o espadeiro. A cova que falla (gravura do romance).

TEXTO:—Actualidades, por Urbano de Castro. As nossas gravuras, por P. C. Historia da terra. Domingo dos bebês, por Cypriano Jardim. De como um zuavo vendeu o calabouço do regimento. Rosicler, por Luiz Guimarães Junior. Antigualhas, por Maximiliano d'Azevedo. Um passado tenebroso.

ACTUALIDADES

Lisboa, na ausencia de sua magestades e altzas e de meio ministerio, continua damnadamente a fazer politica. Póde mesmo dizer-se que não faz outra coisa. Esgotado o syndicato, a opposição, não tendo melhor prato ao seu dispór, lançou-se com unhas e dentes á viagem real. Não ha pormenor, por insignificante que seja, que não mereça a honra de figurar na primeira pagina dos seus jornaes. Quantas pessoas esperavam el-rei em tal estação, quantos vivas se levantaram, se os ditos vivas foram enthu-

siasticos ou frios, se os levantou o povo, ou o administrador do concelho, se as camaras municipaes se fizeram representar por todos os seus vereadores, se por metade, um terço, ou um quinto, se sua magestade mostrava indissivel alegria no rosto, ou, se, pelo contrario, a sua physionomia revelava a profunda inquietação que lhe ia n'alma—tudo isto é analysado, discutido, commentado, como se, de qualquer d'estes factos, devesse resultar a queda do governo, senão a do systema vigente, como usa dizer-se nos artigos de fundo.

O publico vae lendo tudo, não ficando, afinal, sabendo coisa nenhuma. Por entre o que dizem as

folhas favoraveis ao governo, e as que lhe são adversas, é impossivel encontrar a nota verdadeira. Segundo as primeiras, a viagem real tem sido um triumpho completo, como dizia o Trenitz da sr.ª Angot; a acreditar nas segundas, a dita viagem representa o mais monumental fiasco de que ha memoria em passeios regios.

De tudo isto, o que nos parece certo é que, a sua magestade o sr. D. Luiz deve-lhe, sem duvida, ter sido muito grato o respeitoso acolhimento do seu povo; deve ter visto, com ineffavel jubilo, as provas de estima que recebeu em diferentes terras do reino e nomeadamente em Vizeu,—ha porém uma coi-



EL-REI MORREU! VIVA EL-REI

sa que sua magestade verá ainda com maior alegria e contentamento—um par de chinellos quando chegar à Ajuda.

Ah! o entusiasmo de um povo recebendo o seu rei por entre vivas e hosannas, deve commover a alma de um monarcha quando elle tem, como o sr. D. Luiz, um coração sensível e bom,—mas, um par de chinellos, um par de chinellos depois de uma viagem, feita sempre de botas, (e talvez apertadas) dá aos pés uma consolação, um alívio, um bem estar, incomparavelmente superior ás mais doces commoções que um rei possa sentir ao receber quaesquer commissões.

Houve um monarcha inglez que davao seu reino por um cavallo:—*My kingdom for a horse*—quem sabe se sua magestade, n'uma ou outra estação, não teria vontade de exclamationar para o presidente da camara:—*Uns chinellos pelo vosso enthusiasmo!*

Que elles se lhe deparem na Ajuda, no momento da chegada, para satisfação dos povos e allivio dos seus reaes pés.

—Nos Recreios a companhia italiana do sr. D. Juan Molina continua a fazer o milagre de chamar o publico ao theatro. Está com uma veia de sorte espantosa esta desastrosissima casa de espectaculos. Não vá alguém imaginar que nos incommoda a felicidade alheia. Credo! Temos até muito prazer em que o theatro se encha todas as noites. Isto porem não nos parece rasão para que deixemos de registar a mascotte dos Recreios. Senão, vejam se é ou não mascotte.

O theatro dos Recreios nunca foi construído para n'elle se cantar qualquer genero de opera; tem condições acusticas inferiores ás de todos os outros theatros, e até ás do *fallecido* Circo de Prieu: a companhia que ali funciona é, por exemplo, muito inferior á companhia franceza que esteve no Principe Real e no Gymnasio, e onde havia, entre outros artistas de merito, a Depoitiers, uma formosa mulher, que alliava á prenda da belleza, as de ter voz e saber cantar:—pois muito bem—a Depoitiers viu sempre ás moscas o theatro do Gymnasio e o Principe Real, dois theatros pequenos, onde se ouve o que se canta: a companhia italiana tem visto quasi sempre cheio um theatro enorme; tão grande que uma pessoa só, não ouve nem a decima parte do que lá se diz, por musica, ou sem musica!

Note-se ainda:—o nosso publico sympathisa em geral mais com as companhias francezas do que com as companhias italianas, no que, entre parenthesis, eu lhe dou toda a rasão.—Mas, como se tudo isto fosse pouco, devemos ainda acrescentar que o lisboeta, muito indulgente para as companhias estrangeiras de opera comica, costuma ser de uma severidade, quasi ridicula, para as companhias de opera séria. Ora, como todos sabem, as operas cantadas pela companhia italiana do sr. Molina são tudo quanto ha de mais *Hintze* Ribeiro, perdão, de mais serio;—algumas, até carracundas. Digam-me agora se é ou não mascotte.

—O *Passeio Publico*, pela sua parte, faz a concorrência que pode ao seu visinho dos Recreios. E menos má concorrência, seja dito em abono da verdade. O actual empresario do Passeio é um homem intelligente. Reconhece-se, por exemplo, a sua intelligencia n'este facto,—annuncia muito mais fogo de artificio do que concertos. Elle bem sabe que o nosso publico, ao ar livre, leva-se muito mais pelos olhos do que pelos ouvidos.

Ouve com certo agrado Donizetti, Verdi, Gounod, Meyerbeer, mas, quasi por deferencia; e, tambem, para se dar ares de entendido na sublime arte

musical. Do que elle gosta, o que realmente o enthusiasma, o que lhe dá no goto, o que lhe faz luzir o olho—é um foguinho.

E depois, muito ancho, diz que já não corre a foguetes!

Não, não corre! que o diga o empresario do Passeio!

URBANO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

El-rei morreu! Viva el-rei!

Ainda que não fosse admiravel a execução do quadro que a nossa gravura representa, bastava o pensamento philosophico que a domina para o tornar altamente apreciavel.

O velho rei morreu; o seu cadaver rigido, estendido na cama, já não pôde distribuir com mão prodiga as honras e as merecês. Apenas o ultimo sopro se exhalou d'esses regios labios, os cortezaões, que se curvavam mudos e respeitosos perante esse enfermo que podia ainda voltar á saúde e á vida, deixando-o abandonado e só no seu leito sumptuoso, correm a levar a criança que vae reinar as insignias de soberania suprema. Essas espinhas dorsaes habituadas á flexibilidade, e que se curvavam para a esquerda diante do velho rei, n'um momento passam a curvar-se para a direita diante do rei infantil. E ao longe, na immobilidade sinistra da morte, na solidão magnifica dos seus aposentos, o morto rei descorado espera a hora de se ir sumir para sempre dentro da crypta dynastica.

Sósinho, esquecido já! só o cão volta para elle o focinho intelligente! Debalde o pagem lhe quer ensinar os deveres da cortezaniam. Elle, que amava o homem e não conhecia o rei, forceja por ir uivar tristemente ao lado do cadaver d'aquelle cuja mão outr'ora lambia, bem menos servilmente do que aquelles que simplesmente a beijavam.

Do outro lado, a scena não tem um aspecto menos notavel. Diante do principe infantil curvam se humildemente os cortezaões. Lançam-lhe aos pés a coroa, offerecem-lhe o sceptro e todas as insignias da realteza, e elle, tímido, esquivado, refugiado, como que por um instincto e um presentimento secreto, d'essas grandezas tão invejadas e que tantas amarguras cortam, d'essa corôa reluzente em que por dentro dos florões se sentem os espinhos, d'esse sceptro que é de ouro e que ás vezes queima as mãos que o empunham como se fosse de ferro em brasa, foge para os braços da ama, por serem os seus brinquedos que mais o enlevam do que esse pesado diadema e esse pesadissimo sceptro, e treme d'esses homens que não fazem comtudo senão curvar-se diante d'elle, como se advinhasse como são falsos esses sorrisos, como são traícoeiros esses protestos, e como todas essas honras e todos esses respeitoos lhe vão roubar para sempre a sua descuidosa alegria, gelar-lhe nos labios o seu festivo riso. Já não é criança, é rei! Já não tem companheiros de brinquedos, tem subditos!

A ideia d'este quadro é verdadeiramente admiravel. Ha muitos quadros excellentes que só encantam os olhos, este, alem de tudo, impressiona profundamente o espirito. Quem o lançou na tela não é só um grande pintor, é um pensador tambem.

A venda forçada

Que dignidade! que nobreza! que dôr se pintam na physionomia d'essa juvenil senhora, que, na

primavera da vida, vê já pesar sobre ella a mão de ferro da adversidade!

O seu traje sombrio diz-nos que a morte lhe roubou um ente querido; a sua habitação, transformada em sala de leitões, faz suppôr que foi seu marido que a morte lhe roubou.

A mobilia exposta no leilão parece rica; sem duvida o defunto devia ao seu trabalho um certo bem estar, e movido pelo seu amor, quizera que na sua joven e gentil esposa nada tivesse que invejar aos ricos. Mas a fortuna é caprichosa, e despiadosa a morte; agora elle dorme debaixo da terra fria, enquanto sua mulher e seus filhos lutam contra um destino de que a sua ternura os não pôde preservar na sua ultima hora.

Os crédores, vendo-se em presença de uma viuva, sem recursos, penhoram-lhe a mobilia.

Chegou o dia da venda, um velho de olhos, de penna na mão, vae escrevendo com um modo indifferente e aborrecido varios algarismos n'um livro em branco, e o preegoiro repete com voz monotona os varios lanços dos compradores.

A cada objecto que desaparece, a pobre viuva sente dilacerar-se-lhe o coração; procura um refugio para ella e para seu filho junto d'esse leito em que seu marido entregou a alma a Deus. A multidão, descuidosa e indiscreta, sem fazer caso do infortunio, percorre chalaçando, essa casa onde paira ainda a sombra da morte; invade esse quarto d'onde a viuva, depois da morte do marido, nunca mais saiu, onde não deixou entrar pessoa alguma com receio que a presença de um estranho manchasse esse sanctuario de dôr; mas hoje são gargalhadas jovias, conversações ruidosas que resoam debaixo d'esses tectos, onde ha muito tempo só se ouvem suspiros e soluços.

Quem pode pintar a commoção pungente que essa infeliz sentiu, vendo desaparecer a um e um, e para sempre, esses objectos a que se ligavam tantas recordações tão suaves, tantas recordações que lhe lembravam a parte mais luminosa da sua existencia! vê expostos aos olhos do publico, vê passar de mão em mão o retrato de seu pae e de sua mãe, a mobilia de seu quarto de solteira, onde, alegre e descuidosa, ignorava ainda como é amarga a vida, a cruz de ouro que sua mãe lhe poz ao peito no dia em que entregou a alma ao Creador, o Christo de ébano, testemunha da agonia d'aquelles que amava e que habitam agora um mundo melhor, a pequena moldura de ouro com pedrarias engastadas, onde estava o retrato de seu marido; nada lhe deixou, nem sequer o herço d'onde seu filho lhe enviou o seu primeiro sorriso.

Todos esses objectos de um valor inexprimivel para as almas delicadas, porque estabelecem um laço entre os que ficam e os que partem, hão de ser roubados a essa pobre e triste mulher! Ir-se-hão embora como tantos amigos quem ella tambem não tornará a ver! E comtudo quem pode olhar sem commoção profunda para o quadro que apresentam essa mãe afflicta, essa criança que talvez dentro em pouco tenha fome.

Só lhe resta esse anjo que procura nos seus braços um asylo. Tudo lhe levaram mas este é o seu thesouro mais precioso, a sua consolação unica, a sua unica esperanza, o seu riso infantil talvez consiga ainda despertar um sorriso nos labios maternas, as suas virtudes e os seus triumphos serão a felicidade suprema d'aquella alma dilacerada.

O Cavalleiro e o Espadeciro

Chamava se antigamente espadeciro ou alfaceiro

fabricante de espadas e lanças e antes da invenção da pólvora era elle o unico a fabricar os instrumentos de guerra de que se serviam os combatentes. Quando veiu a invenção da pólvora, appareceu uma nova entidade industrial—o espadreiro, que fabricava as armas de fogo. O espadreiro continuou porém a fabricar as armas brancas, assim chamadas por serem feitas de aço brilhante e polido. O termo «alfageme» com a sua derivação arabe é que foi desaparecendo da linguagem portugueza.

O alfageme era uma individualidade importante na idade media; da sua mestria, da sua habilidade dependia a segurança dos cavalleiros, que precisavam de ter completa confiança nas suas boas espadas. Faziam-se contudo essas espadas especialmente em algumas terras consagradas sobretudo a essa industria, e cujos productos tinham fama, como era na peninsula Toledo, onde se sabia dar ao aço das espadas uma admiravel tempera. Mas ainda quando os alfagemes não fabricavam as espadas, tinham uma missão importante—a de as «corregger», como se dizia na nossa velha linguagem, quer dizer de afiar e polir as espadas já velhas; o que era um trabalho que tambem carecia de obreiros habéis. O espadreiro que a nossa gravura representa, e que já não é um espadreiro da idade media, recebeu contudo a espada que está examinando para ver se pode *corregel-a*, e foi corregendo a espada de Nuno Alvares Pereira, quando elle era ainda um moço cavalleiro que ia pôr essa mesma espada ao serviço do mestre de Aviz, que o famoso *alfageme de Santarem* lhe fez a prophacia que o velho Fernão Lopes narra nos seguintes termos:

«Um dia á tarde depois de ceiar saiu Nuno Alvares a folgar pela praia a fundo contra a igreja de Santa Cruz, e passando pela porta d'um alfageme, viu-lhe ter uma espada muito limpa e bem corregida, e tomou-a na mão, e perguntou lhe se lhe corregeria assim uma sua, e elle respondeu que sim e muito melhor ainda, e Nuno Alvares fez logo ir por ella e mandou-lh'a dar que a corrigesse. Outro dia tornou Nuno Alvares por ali á tarde e achou-a corregida muito a sua vontade, e tomou-a na mão sendo com ella ledo e mandou a um seu escudeiro, que lhe pagasse bem seu trabalho. O alfageme respondeu e disse: «Senhor, eu por ora não quero de vós nenhuma paga, mas ireis muito embora, e tornareis por aqui conde d'Ourem, e então me pagareis o que merecer». Não me chameis senhor disse Nuno Alvares, que o não sou, mas todavia quero que vos paguem bem». Senhor, eu vos digo verdade e assim será prazendo a Deus. E assim foi depois, como elle disse, porque elle a pouco tempo tornou por ali conde d'Ourem, e pagou bem o corregimento da espada, como adiante ouvireis.»

Como todos os Messias das nacionalidades opprimidas, a sua apparição era annunciada por prophacias. Do mestre d'Aviz, diziam que a seu pae fôra agoirada em sonho a sua grandeza; de Nuno Alvares apresentavam, como prophetisador dos altos cargos a que devia subir, um humilde alfageme, a quem o povo quiz attribuir, o dom da inspiração.

HISTORIA DA TERRA

(Conclusão)

Assim ficam indicadas as diferentes circumstancias que acompanharam as transformações successivas do nosso planeta desde a sua origem até os nossos dias. Por elles se explica a sua configuração actual, e o modo por que possa ser modificada no correr dos seculos.

As causas que indicámos como principaes, temos de acrescentar algumas outras, que com ellas concorrem em diversos casos para a realisação de alguns dos phenomenos geologicos. Entre ellas figuram as acções chemicas inherentes á decomposição das substancias organicas vegetaes ou animaes. É a influencia dos primeiros que se devem os enormes depositos de Hulla que a industria moderna em tão larga escala explora.

As segundas concorrem para a formação no fundo das aguas dos possantes depositos dos calcareos, provenientes das conchas dos molluscos diversos que as habitam. Esse calcareo vai muitas vezes depondo-se entre as arcias servindo de cimento para a sua agglutinação, e favorecer a formação dos grez a que acima nos referimos.

Alguns dos phenomenos das epochas antigas continuam-se ainda nos nossos dias, e continuar-se-hão pelo correr dos tempos.

Entre elles devemos citar como o que apresenta mais elevado caracter de persistencia, o da corrosão e sedimentação pela acção das aguas.

As aguas representam um papel importantissimo na actividade do nosso planeta. Não só vão engrossar, pela sua condensação ou passagem do estado do vapor ao de liquido, os mares, os lagos e os rios, mas exercem uma acção mais profunda na crusta da terra embebendo-se atravez de todas as suas fendas e cavidades mesmo as mais exiguas.

Vejamos quaes as consequencias d'esta absorção do liquido aquoso pela terra.

Se este phenomeno continua constantemente a dar-se, o que é provavel, chegará naturalmente um momento em que toda a agua existente á superficie será completamente absorvida. Desde então a vida animal e vegetal deixa de ser possivel.

Ainda mais.

O nucleo fluido solidificando-se diminui de volume; e logo que essa diminuição deixa de ser compensada pela de agua absorvida, formar-se-hão grandes fendas, aberturas de mais em mais largas e fundas, por um processo semelhante ao da fractura da argila quando se secca energeticamente.

A atmosphera preencherá essas grandes fendas e aberturas; a vida sobre a terra cessará.

No entanto o planeta continuará ainda a existir, por algum tempo. As fendas e as aberturas tornar-se-hão cada vez mais largas e mais fundas; até que a divisão se determine completamente. Então os diversos fragmentos d'ella resultantes continuarão a mover-se na orbita que a terra seguia, até que depois de um intervallo maior ou menor de tempo vão cahir no centro que occupa o foco d'essa orbita, o sol.

Estas diferentes phases succeder-se-hão tanto mais rapidamente para os astros d'um mesmo systema quanto mais rapido for o seu arrefecimento, ou quanto mais pequeno for o seu volume.

De sorte, que, a idade ou antes o periodo do desenvolvimento dos diferentes planetas do nosso systema pode até certo ponto regular-se pelo seu volume.

O sol é o mais volumoso; é justamente o que está ainda no periodo mais remoto da sua evolução; está ainda na phase da incandescencia.

A terra está já n'um periodo mais adiantado

Atravessa justamente o que corresponde ás condições da vida animal e vegetal.

A lua, um globo muito mais pequeno do que o nosso, pode considerar-se como mais velha, attribuindo a esta palavra o sentido relativo do mais adiantado desenvolvimento. Já absorven todo o seu oceano e a sua atmosphera. A vida animal e vegetal deve ter cessado.

Os meteorites, que sobre a terra cahem, são os representantes dos ultimos momentos da existencia d'um pequeno satellite do nosso planeta, chegado á phase da sua desagregação.

Com estes tres exemplos podemos representar as tres divisões da vida da terra:

O sol representaria a sua infancia; a lua a sua decrepitude; os meteorites a sua morte.

O DOMINGO DOS BÉBÉS

SERÕES HONESTOS

(Contos)

UM HOMEM

(Continuado do numero 24)

Mas vamos com o resto da historia do meu amigo João.

Depois que a mãe fugiu de casa, o pae do João teve de tratar das tres creanças.

Começaram então a diminuir os ganhos; vestil-as de manhã, deital-as á noite, voltar de vez em quando, a casa, com cuidado n'ellas... tudo isto lhe roubava tempo ao seu trabalho, e tudo lhe cereceava os poucos lucros da industria...

O João via aquillo... e scismava muito... dava tratos grandes á imaginação para achar... para encontrar um meio... uma solução... nem elle bem sabia o que... apesar do seu raciocinio:

—Porque se elle, com os seus oito annos e meio, podesse ganhar alguma coisa, já ajudava o pae...

Ora o João tinha um amigo; um pequeno de dez annos, filho d'um carregador do caminho de ferro, que morava na loja do predio.

O pequeno vendia cautellas, e ganhava menos mal.

Um dia o João pediu-lhe emprestada uma de doze, foi-se para a rua, e vendeu-a n'um instante!

O amigo não quiz o ganho, e o João levou para casa tres vintens de queijo.

Foi uma festa! A' noite os irmãositos não tinham vontade de comer o que o pae trazia.

Estava pois achada a solução do problema; e, no dia seguinte foram assentadas as condições d'um contrato serio; o amigo do João, comprava as cautellas, já que tinha dinheiro; o João vendia-as, e os lueros eram divididos ao meio. João, n'esse tempo, como já era um protector, tinha absoluto imperio sobre as irmãs. Mandava-as dormir, e ia ganhar a vida.

Os seus rendimentos andavam sempre entre seis vintens e dois tostões por dia...

Não era muito; mas a verdade é que as faltas em casa tinham diminuido, com grande admiração do pae do João, espantado de que os filhos comessem tão pouco... principalmente á noite.

João guardava um grande silencio serio, consciencioso, e deixava o pae admirar-se...

Elle era quasi um homem.

Mas chegou finalmente, o grande momento da desgraça, da coragem, da acção...

O pae do João, esfaldado, arrazado pelo trabalho, acordou um dia a deitar sangue pela bocca, e não pode erguer-se da cama; estava morto para tudo quanto fosse—ganhar a vida.

O João chegou-se á cama, pediu ao pae uns quinze tostões que elle trouxera na vespera, poz-lhe os irmãositos ao pé, e saltou para o meio da rua...

A' noite voltou com os quinze tostões, mais um cruzado de comida...

O pae do João começou então a chorar, e o João começou a rir-se, fazendo festas ás irmãs...

Era um homem.

Quando o meu amigo João acabou de me contar esta historia simples da sua vida, eu fiquei-me a olhar para elle um certo tempo, com uns olhos muito

Porque... na verdade... o meu amigo João... o meu amigo João... era... Ah! Tinha achado a phrase! E, endireitando-me todo, muito grave, com um grande ar severo, pedagogico:

—E a escola, senhor João? a escola? Isso é uma vida de vadio, e vocemecê tem dez annos, e ainda

A historia do meu amigo João acaba aqui; para as creanças.

D'ella fica, para os sabios socialistas, a these que, em frente das grandes doutrinas humanitario-scien-



A VENDA FORÇADA

vagos, muito indefinidos, meio envergonhados até, pela simples razão de que me encontrava defronte d'um cidadão de dez annos, que valia, em minha consciencia, muitissimo mais do que eu...

N'estas situações não lembra, realmente, uma phrase, uma palavra propria, com que a gente possa sair decentemente da posição inferior em que nos encontramos...

não sabe ler! a escola, senhor João! a escola?

—A escola! não tenho tempo! — e, com um riso muito escarninho, desprezador:— A escola, heiu? Então eu não tenho de dar de comer a tres boccas que lá tenho em casa?

E partiu a correr, mostrando-me a sua fazenda... que era ainda bastante...

tificas, será um paradoxo de arrear as carnes dos sobreditos sabios:

«Ha casos em que os filhos dos pobres não devem ir á escola».

Resolva, ou explique a these, aquelle que, sem fóros de sabio, tiver a felicidade de ser humano, e justo...

CYPRIANO JARDIM

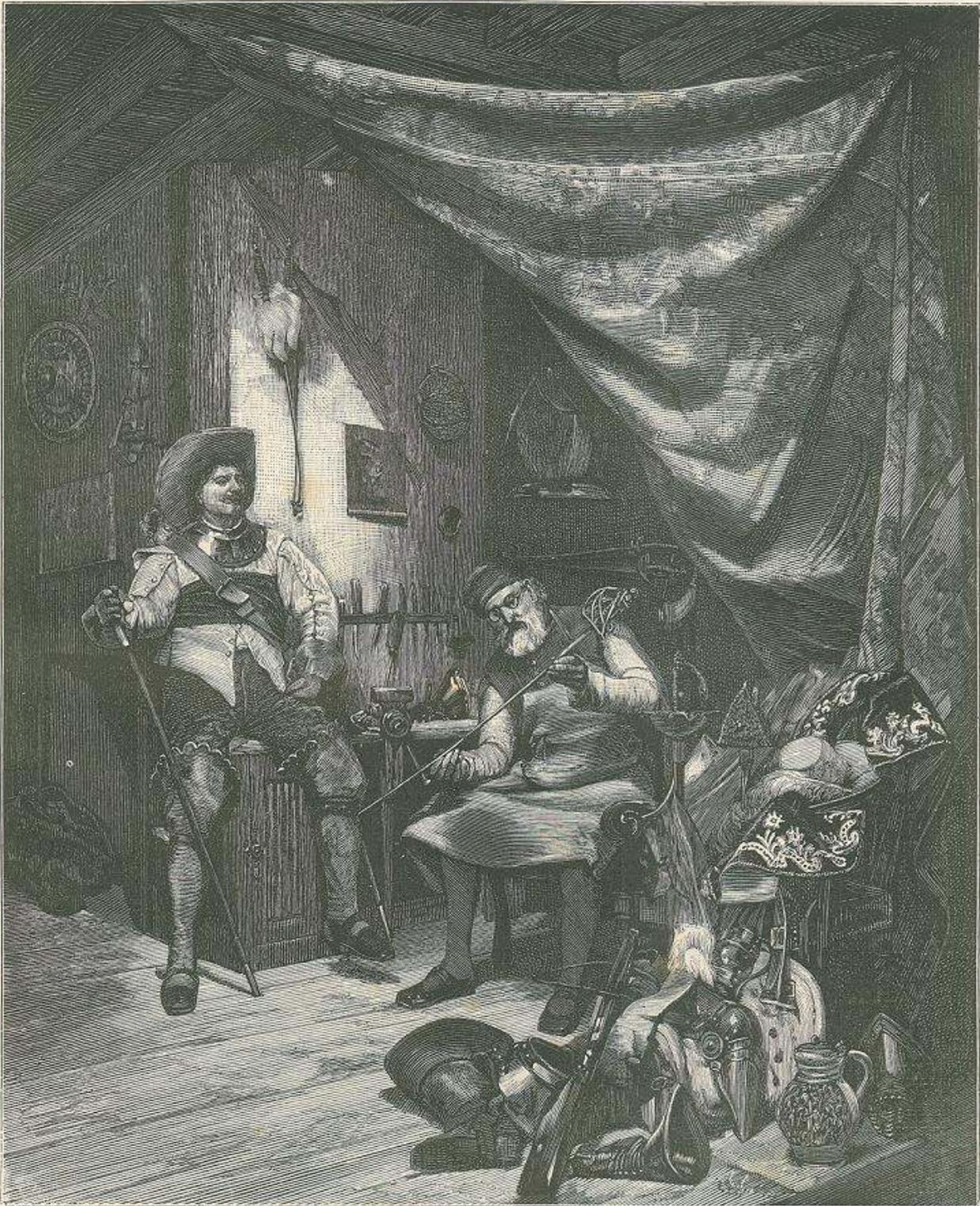
DE COMO UM ZUAVO VENDEU O CALABOUÇO DO REGIMENTO

O calabouço dos zuavos em Bougie era uma encantadora casa nova com grades de ferro nas janellas e umas portas matizadas de cabeças de pregos; era

travou-se o seguinte dialogo atravez das grades:

- Deliciosa casa, militar, disse o colono.
- Não é feia, não, respondeu o zuavo.
- A quem pertence.
- Ora essa, naturalmente a quem n'ella mora.
- É sua?

- Quanto lhe custou este palacete?
- Doze mil francos.
- Pois dê-me tempo, e dou-lhe de ganho dois mil.
- Não digo que não. Acontece exactamente ter eu tido ultimamente alguns transtornos.



O CAVALLEIRO E O ESPADEIRO

uma habitação muito agradável n'uma epoca em que os kabyllas vinham fazer excursões até á cidade. Por isso um colono, que chegára havia pouco, aproximou-se d'essa casa e examinou-a com um ar de cubiça, que não deixava a minima duvida sobre o desejo que tinha de se apropriar d'ella.

N'isto abriu-se a janella, appareceu um zuavo, e

- E minha.
- Mas é dono ou inquilino?
- Dono.
- Safa! Dou-lhe os parabens. Não ha-dêe haver muitos militares que tenham tão bons predioss.
- Aproveitei uma herança e mandei-a fazer. Demais a mão de obra é barata na Algeria.

- Transtornos?
- Sim, o meu banqueiro quebrou.
- Optimo.
- Hem!
- Não; quero dizer: é pena.
- Quanto dava o senhor de signal?
- Mil francos e o resto...

—O resto não me importa. Aceito o prazo que quizer.

—Cinco annos?

—Cinco ou dez. O que eu preciso agora é de mil francos.

—Pois está o negocio arranjado, porque felizmente trago os mil francos comigo.

—Pois então faça favor de me esperar alli á taverna.

—Lá vou.

—Mas faça-me um favor: quando passar alli á esquinha, diga áquelle loiro alto que é serralheiro do regimento, que venha cá. Os meus camaradas por bricadeira lecharam-me á chave. São mesmo uns demonios.

—Cá lh'o mando.

E o colono foi esperar para a taverna, e não se esqueceu do recado para o serralheiro.

Veiu o serralheiro: expoz-se-lhe a situação. Trata-se de repartir mil francos pelo preso, o serralheiro e a sentinella.

D'ahi a cinco minutos estava a sentinella prevenida e a porta aberta.

D'ahi a meia hora estava feita a escriptura e o zuava mettia na algibeira o seu quinhão dos mil francos.

D'ahi a duas horas o colono começava a fazer a mudança.

Passou um official com uma patrulha, e viu uma mobilia completa á porta do calabouço.

Estava aberta a porta, entrou. O colono andava pondo pregos nas paredes.

O official esteve um momento a olhar assombrado. Afinal perguntou:

—Que diabo está o senhor a fazer.

—O que estou a fazer? Estou a fazer a minha mudança.

—A sua mudança para onde?

—Para minha casa.

—Qual casa?

—Esta.

—Esta casa é sua?

—É minha.

—E como é que é sua?

—Como? Comprei-a.

—A quem?

—Ao dono.

—Onde é que estava o dono?

—Estava cá dentro.

O official olhou para os soldados; estes havia um pedaço que olhavam uns para os outros. Já tinham percebido o que elle agora começava a perceber.

—E que é feito do dono? continuou o official.

—Eu sei lá, respondeu o colono, continuando com os seus arranjos.

—Sabe lá? Então elle não estava fechado á cadeia?

—Estava. Imagine que os camaradas d'elle tinham-lhe feito uma partida, tinham-n'o fechado, mas eu mandei-lhe o serralheiro, e elle d'ahi a pedaço foi ter comigo á taverna, onde fizemos a escriptura.

—Perante algum tabellião?

—Nada, escriptura provisoria. D'aqui a dias vamos fazer a escriptura definitiva.

—E quanto é que elle recebeu?

—Mil francos.

O official não pôde deixar de desatar a rir.

O colono olhou para elle espantado.

—Duvida? perguntou elle

—Pois não hei-de duvidar!

—Aqui tem o papel.

E mostrou-lh'o.

O colono comprara a um zuavo que estava preso o calabouço do regimento.

O caso foi para o tribunal de Bougie, mas ninguem teve animo de castigar o auctor d'esta partida admiravel.

O zuavo foi absolvido, e voltou para o quartel de baixo dos arcos de triumpho, que lhe levantaram os seus camaradas.

Quem conta esta curiosa anedocta é—já de certo o conheceram pelo estylo inimitavel— Alexandre Dumas no seu *Vilore*.

ROSICLER

O formoso soneto que em seguida publicamos faz parte de um livro de versos que o laureado poeta Luiz Guimarães Junior vai publicar brevemente. Intitula-se *O Poema dos mortos*, e é dividido em duas partes, nas quaes o grande poeta concentra a sua brilhantissima imaginação, alliada á mais profunda saudade pela morte do filho e da esposa.

A MORTA

Meu amor! Meu amor! hirta, gelada,
Dormes o somno que amedronta e atterra:
Oh men frazino bogary da serra!
Oh minha rosa pallida e magoada!

A alma gentil, a essencia immaculada
Que teu corpo encerrou, meu corpo encerra,
Pois quando foste para a immensa terra
N'um beijo eu te sorvi a alma adorada.

Pastam os vermes no teu collo airoso,
E sobre os labios teus, Anjo saudoso,
As negras larvas funeraes se agitam...

Mas, oh milagre! dentro do meu peito
Convulso, afflieto, exanime, desfeito,
Sinto dous corações! e ambos palpitam!

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

ANTIGUALHAS

A empresa do theatro do Salitre, em 1804.
Uma escriptura de actor

(Continuado do numero anterior)

Foi a pretensão enviada ao intendente geral de policia Diogo Ignacio de Pina Manique, a fim de que este decidisse conforme entendesse.

Manique exigiu que em vez de uma sociedade de actores, apparecesse um empresario, que se responsabilisasse pela *economia e ordenados* da empresa.

Apresentou-se n'esta qualidade Nicolau José Parizini, associado com Manuel da Costa, pintor e machinista, discipulo do afamado Simão Caetano Nunes. Requereram elles que se permittisse a formação da sociedade artistica, baseando-se nas mesmas razões adduzidas pelos actores; e accusaram a Faria de querer fazer monopolio, imitando o que Lodi pretendera no anno anterior.

«Porem aconteceu, diziam os supplicantes em desabrida linguagem, que o doloso empresario da rua dos Condes, requereu a V. A. R. a graça de lhe approuvar o dito monopolio, expondo que um só theatro nacional na côrte fica sendo mais brilhante,—mas o brilhantismo da côrte não consiste em privar do sustento, tantas familias: só a ambição é que o quer. Mais theatros fazem circular mais dinheiro; porque pelo menos faz girar para cima de quarenta mil cruzados cada um por anno, e tudo nas mãos da gente mais pobre.»

No final do requerimento pedia-se que fosse nomeado inspector do Salitre o ministro do bairro de Andaluz, onde o theatro estava situado.

No entretanto Parizini desenvolvia grande actividade. Escriprou todos os actores que tinham pertencido á companhia do theatro do Salitre na passada epocha theatral, e, não contente ainda foi contractar artistas da Rua dos Condes. Manuel Baptista de Paula, herdeiro de Antonio José de Paula, desesperado com isto e com a guerra que lhe moviam os actores do Salitre e os seus alliados, dirigiu uma petição ao principe regente, denunciando estes factos. Segundo o que elle dizia, Nicolau Parizini sujeitava-se ao simples papel de testa de ferro dos seus fiadores, que eram os verdadeiros empresarios do Salitre.

Tinham estes abatido o animo dos mais credulos artistas da Rua dos Condes, como eram José Arsejas, Antonio Borges Garrido e outros, levando-os a fazerem escripturas no theatro do Salitre. A pretensão de Paula é que o principe determine: que lhe restituam todos os actores e actrizes que eram do seu theatro, ficando os empresarios da outra casa de espectaculos inibidos de o inquietarem; ou então que estes aceitem as obrigações por elle contrahidas, ficando com o theatro do supplicante.

Nicolau Parizini não negou que houvesse escripturado aquelles dois actores, *que tinham o anno passado sido do theatro da Rua dos Condes*, e que n'aquelle anno foram á ordem do intendente geral de policia mettidos na cadeia e enrovia, para se escripturarem á força com o empresario do mesmo theatro.

Foi esta medida, tão propria do systema de Manique, em parte resultante do ultimo requerimento de Paula, que o camarista conde de Aveyras tinha enviado, por determinação do principe, á decisão do intendente.

O rigoroso procedimento porém durou muito pouco tempo, segundo se vê pelo requerimento do empresario do Salitre: Pina Manique, ou que reconhecesse a injustiça de uma tal prisão, ou porque algum protector dos artistas intercedesse a favor d'elles, mandou soltar Garrido e Arsejas, os quaes logo se escripturaram no theatro do Salitre, «visto que—díl o Parizini—assim como aos empresarios é livre o despedirem da empresa seguinte os comicos que lhes parecer, do mesmo modo fica sendo aos comicos o despedirem-se, porque os direitos são correlativos e sómente se adquirem por uma nova escriptura voluntaria».

Arsejas e Garrido tinham já recebido adiantamento sobre os seus ordenados e estavam estudando as partes que se tinham repartido para a proxima abertura do theatro do Salitre, quando foram mandados prender, para irem substituir na Rua dos Condes um actor que tinha adoecido.

Parizini exelama audazmente que são *alheios a toda a justiça estes termos, e unicamente usados pela força do despotismo sem attenção ás leis*; e conclue pedindo que se recolha a ordem de prisão contra os dois artistas.

Foi mais este requerimento enviado a Pina Manique, no principio de abril de 1804.

A resposta do intendente é muito extensa. Acompanham-n'a todos os diversos requerimentos a que se tem aqui alludido, e a escriptura que abaixo se encontra publicada na integra por ser muito curiosa.

MAXIMILIANO D'AZEVEDO.

(Continua.)

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 192)

Finalmente, um dia de manhã, saiu com a sua filha, mas acompanhado por um rapazito, que levava o cabaz. E assim fez durante uma semana.

O visconde fingiu-se doente d'um braço para deixar de trabalhar, e levando sempre um revolver e um punhal, passeava constantemente pelas margens do rio em sitios d'onde pudesse ver o italiano. Mas, alem do rapazito, que o acompanhava, transitava constantemente alguém pelo caminho. Tudo isto contrariou horrivelmente o visconde.

Tendo vindo hospedar-se no hotel do *Veado* uma familia de Bruxellas, San Marco, receioso de que o conhecessem, deixou-se de pescar, e saiu só de noite.

XXVI

Uma vez Donaciano viu o seu antigo cumplice tomar por uma alameda ao pé do cemiterio, que vae dar a um pequeno monte, d'onde se avista a encantadora cidade de S. Willebrod. Julgou que era a occasião; mas, de repente, surgiu um rapaz e uma rapariga, que passejavam como namorados.

O amoroso par desapareceu. Oh! é agora! Mas eis que San Marco levanta-se de um banco, em que estava sentado, e ao mesmo tempo levanta-se d'outro banco defronte uma mulher. Cruzam-se no caminho, elle entra n'uma viella habitada, e ella no cemiterio, onde ajoelha sobre uma cova ainda recente, não longe de um monumento sumptuoso.

No dia seguinte Donaciano colloca-se á espera a um canto da rua do hotel. San Marco sae, toma pelo mesmo caminho, senta-se no mesmo sitio, e quando o visconde julga que é chegada a hora de vingarse apparece-lhe o mesmo par da vespera.

—Este maroto é por força afilhado do diabo—exclamou este cheio de desespero.

Na noite immediata, em vez de seguir San Marco, Donaciano embuscou-se nas immediações do cemiterio. O italiano appareceu fumando um charuto, e foi occupar o logar do costume. Passou-se a hora, e como não viessem, o visconde concluiu e com razão, que não seria perturbado por elles.

Reinava um silencio profundo, mas a lua brilhava com intenso fulgor.

San Marco levantou-se, e chegou ao pé do logar, em que se occultava Donaciano, com um punhal na mão.

O visconde sae do esconderijo, deita a mão ao hombro do antigo companheiro, e este volta-se como se fosse mordido por uma víbora. Quando fez este movimento, sentiu-se ferido no coração, e caiu dando um grito abafado.

Donaciano debruçou-se sobre elle, murmurando por entre os dentes, as seguintes palavras:

—Infame! reconheceu-me? Ah! tens...

E deu-lhe umas poucas de punhaladas no peito.

—Vejam se está bem morto.

E mettia-lhe as mãos nas algibeiras, apalpava com ansiedade; porém não encontrou a carteira; mas simplesmente o relógio e uma bolsa.

Quando pensava no que havia de fazer d'aquelle

cadaver, deparou com a cova recentemente aberta, de que fallámos.

Introduziu n'esta o corpo do italiano, e com uma pá, que ficára ali por esquecimento, cobriu-o de terra. Finda esta operação ouviu passos, olhou, e reconheceu a mulher que tinha vindo ao cemiterio tres dias consecutivos.

Era uma pobre viuva, que promettera vir fazer todas as noites sobre a sepultura do marido, fallecido havia pouco tempo.

Donaciano escondeu-se. A mulher ajoelhou e tirou um rosario da algibeira, mas quasi no mesmo instante levantou-se tomada de um susto, deu um grito medonho, e caiu como fulminada.

Tinha ouvido distinctamente uns gemidos que partiam da cova...

XXVII

Donaciano, assistindo a este facto extraordinario, caiu em profunda consternação; e a mulher tornando a si, tapou a cara com as mãos, levantou-se como se fosse movida por molas, e apenas saiu a porta do cemiterio, desatou a correr desesperadamente. O visconde certificando se de que estava só, dirigiu-se outra vez para a cova, onde tinha reunido um grande malvado com os restos de um esposo exemplar, e pelo que observou concluiu que San Marco, antes de expirar, agitou convulsivamente os membros, n'um ultimo arranco da agonia...

Começou a calcar a terra com os pés, e finalmente cruzando os braços, exclamou com um sorriso sinistro:

—Assim o quizeste, não te podes queixar! Dreitete a sepultura que me ensinaste: porque já a timbas dado a outros. E agora meu amigo, que te leve o diabo!

Meia hora depois estava já em casa deitado; mas não poude pregar olho toda a noite.

Não tinha remorsos, porque estava certissimo de que fora roubado por San Marco; porém a lembrança da perda completa da sua fortuna, e das luctas, que tinha de sustentar com a justiça, em tão precarias circumstancias, excitava-o até á loucura e prostrava-o depois até ao desalento:

Que deveria fazer? Fugir ou ficar em Echternach? Conscio de que nenhuma suspeita havia contra si, resolveu seguir o ultimo expediente. Ardia em curiosidade por saber que destino tiveram os papeis subtraidos pelo italiano, e que impressão causaria a noticia da sua morte. Mas achava-se só, faltava-lhe o auxilio valioso de uma intelligencia, como a do homem, que acabou de matar, esentia-sea cobardado, reduzido á impotencia.

Apressemo-nos em dizer que, se Donaciano tivesse revistado melhor as algibeiras da victima, teria encontrado o seu dinheiro. Com o corpo de San Marco for enterrada a fortuna do visconde.

O nosso heroe voltou para Aix-la-Chapelle, e a boa e amigavel recepção, que lhe fez a viuva Verden, não conseguiu destruir-lhe as tristes disposições. Tinha apenas cem francos, e não sabia como arranjar o necessario para viver.

Principiou a pensar em Paulina, no avô, e foi ver se Aubry Beaubourg tinha respondido á carta, em que elle pedia noticias da mulher. Dirigiu-se á posta restante e lá encontrou effectivamente uma carta com o nome que ella mandara dizer ao ex-empregado da policia, dando-lhe razões muy acceptaveis para não usar do que realmente lhe pertencia.

Era longa a resposta de Beaubourg. Dizia: que

Justino Desherbiers estava quasi demente e muito mal; que Euphrasia fora á provincia visitar um irmão gravemente enfermo, que Zelia Martinpré contraira segundas nupcias com o filho de um dos bravos de Waterloo e fallando de Paulina assegurava-lhe, que a pobre senhora amava cada vez mais o seu ingrato Donaciano, affirmava que a sua reputação era excellente, e aconselhava-o a que fizesse as pazes, viesse francamente a Paris, onde seria recebido de braços abertos.

A esta missiva addicionou Beaubourg como post-scriptum: «Depois de concluir a minha carta, occorreu-me uma ideia: Padeço de dores rheumaticas, e toda a gente me diz que as aguas thermaes d'essa cidade são remedios efficacissimos contra o meu horrivel padecimento. Estou resolvida a ir a Aix-la-Chapelle. Conte pois com a minha visita, mas previna-me sempre do logar onde estiver, para eu ir logo encontral-o.»

O visconde ficou radiante de alegria. O velho Desherbiers demente e quasi a morrer! Paulina amando-o cada vez mais! Que futuro risonho se lhe antolhava no goso da fortuna de Justino Desherbiers! Escreveu immediatamente ao ex-empregado de policia dizendo-lhe que o esperava com a maior ansiedade.

XXVIII

Quanto mais Aubry Beaubourg meditava no passado e nas acções do homem, que temos continuado a chamar visconde da Monavilla, tanto mais lhe crescia o desejo de livrar a sociedade de tão grande malfeitor. Nunca em sua vida tinha encontrado criminoso igual!

Eram portanto dois os moveis do seu procedimento: o cumprimento do dever, e o amor da arte, que lhe tinha ficado; accrescentemos tambem um bocadinho de vaidade. Até alli tinham sido infructiferos todos os meios para entregar o assassino á acção da justiça; pois o velho Beaubourg fazia *filé* em conseguir esse resultado.

Valenson e Morlant tinham a maior consideração pela sua inquestionavel intelligencia; e, uma vez estando os tres em Toury-lez-Reims, disse-lhes Beaubourg:

—Hão de recordar-se do crime de Varisoul. E' uma coisa parecida. Tres facinoras mataram um homem para o roubarem; dois foram presos; mas por tal forma se demonstrou que eram simples comparsas d'aquelle drama, que o jury condemnou-os um em quinze e outro em dez annos de trabalhos publicos. Soube que se deu por expiada a culpa do ultimo, fui ter com elle, interroguei-o, e parece ponto de fé que o verdadeiro assassino foi Claudio Pechel. Combinei com o homem, que se chama Carlos Brinzler, estar ás minhas ordens para reconhecer a identidade no acto da prisão.

—Sim, respondeu Morlant; mas como é que o hade apanhar em territorio francez?

—Sr. advogado, não queira privar-me d'uma honra a que tenho direito... Sei o que valho! Não pertenço á vulgaridade dos agentes de policia. Amanhã ás sete horas da tarde, está elle á minha espera em Aix-la-Chapelle; escrevi-lhe, e elle respondeu.

E o antigo empregado de policia leu a resposta de Donaciano, affirmando que viria a Paris para ter uma conferencia com Paulina.

—Bem combinado! exclamou René Morlant. Dou-lhe os meus parabens pela sua rara habilidade. Agora é que se pôde dizer que é preso com toda a cer-

teza. Espero que o italiano tambem seja.

— Já dispuz todas as coisas, replicou Beaubourg, para que os Desherbiers e Paulina partam para o campo. Não convem que estejam em Paris durante o processo.

— O sr. Beaubourg tem sido incansavel, disse o amputado. Mas diga-me: conhece bem os Desherbiers?

— Quando o falso visconde, que me enganou, pediu informações sobre aquella familia, eu sabia apenas que o velho era homem rico, e de excellente reputação. Não sonhava sequer que elle tinha sido... carrasco de Nancy.

clivamente por se fazer ajudante do sr. Roch... Eis o motivo, que os obrigou a ir para Bruxellas.

— Oh! Que sem numero de revelações inesperadas! O que! Paulina?

— Nada de preconceitos, exclamou o amputado; ainda nos deve inspirar maior interesse.

A conversação durou até alta noite, e ás seis horas da manhã já o velho Beaubourg estava prompto e fresco, e preparado para a viagem até Aix-la-Chapelle.

Na occasião de se despedirem, disse-lhe o amputado:

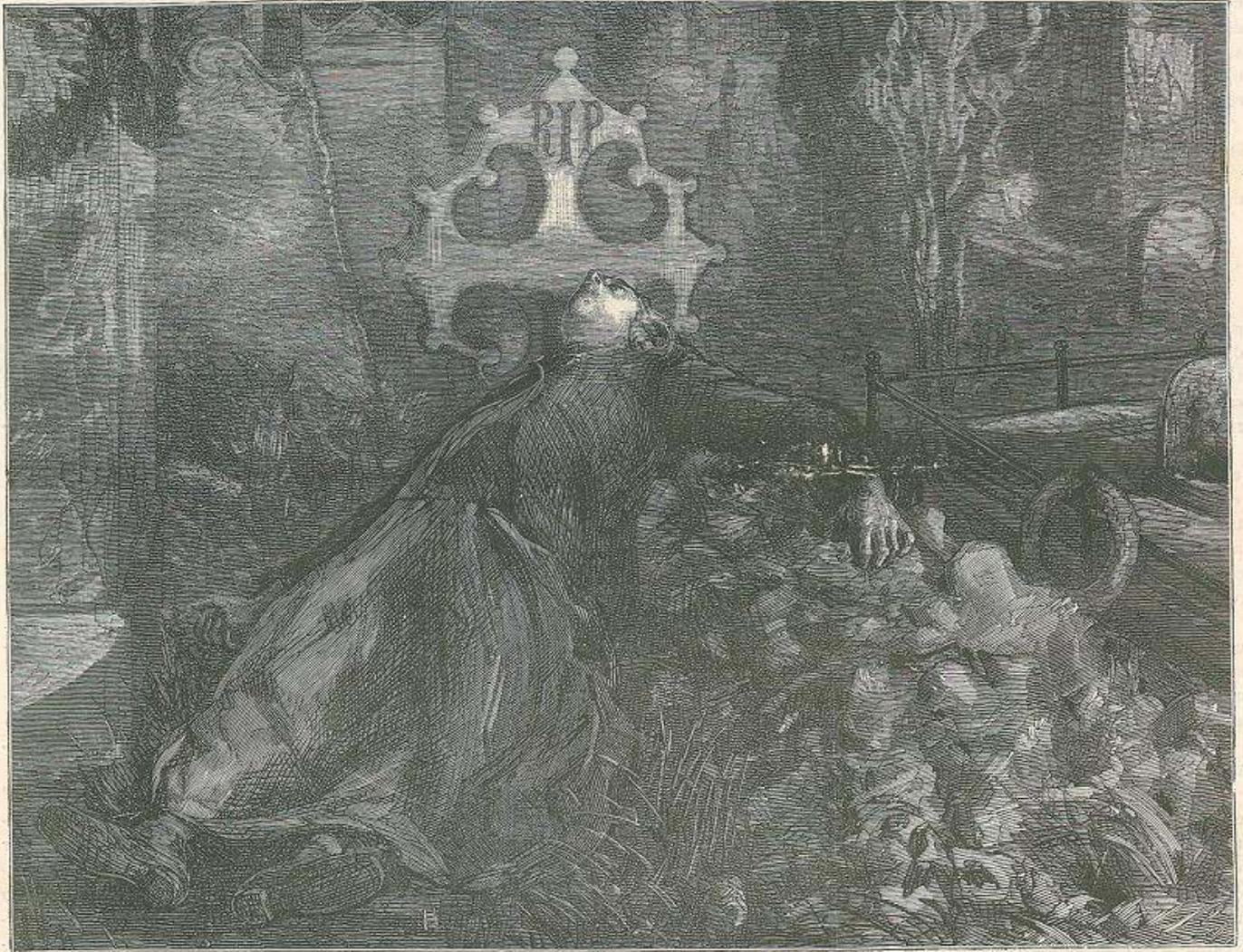
— Vae cumprir uma missão divina. Deus, até hoje

de não ter escripto a Beaubourg que adiasse a sua viagem a Aix. Pois que faria elle só na capital da França? Quem seria o seu intercessor juato da familia Desherbiers? Ninguém e repetiu muitas vezes:

— E' pena que o sr. Beaubourg se demore aqui!

O velho agente de policia já contava com o pedido, e estava contente de ver que era formulado com insistencia; mas era demasiado esperto para annuir logo.

— E' verdade, respondeu elle, se eu estivesse lá podia prestar-lhe serviços, apressar a reconciliação, que tanto deseja... Mas o que quer?... Vim curar-me, e tenho passado tão mal!...



UM PASSADO TENEBROSO — A cova que falla

— Pois é possível? exclamaram Morlant e Valen-son.

— E' exacto. Na antiga capital da Lorena houve cinco ou seis gerações de carrascos, tendo por nome Guiport... Aquelle de que fallamos, exerceu as suas funções durante vinte annos; mas caindo muito doente renunciou o cargo em favor do filho mais velho, que era o pae da encantadora Paulina. Esse morreu sem ter cortado cabeça alguma. O velho Guiport, herdando uma grande fortuna, foi viver com os netos para a Turena, com o nome de Desherbiers, que tambem lhe pertencia. Grangeou ali sympathias de toda a gente; porém teve uma existencia atribulada por causa d'um neto, que depois de devorar mais de cem mil francos com a ameaça de ir occupar o logar de seus maiores, acabou effe-

tem secundado as investigações do meu honrado e querido amigo Morlant; espero que tambem protegerá as suas.

— Sr. coronel, bastava que elle tivesse commettido só o crime, que lhe causou a perda das pernas, para merecer um milhão de mortes... Espero dentro em pouco entregal-o á justiça; e tudo pela minha *estrategia*.

XII

Logo depois do jantar Aubry Beaubourg chegava a Aix-la-Chapelle, e dirigia-se para a casa da viuva Verden, porque Donaciano cheio de confiança não duvidou dizer-lhe onde morava. O visconde permanecia na ideia de ir a Paris, mas estava arrependido

— Sr. Beaubourg, tornou Donaciano, careço de um intermediario honesto e dedicado, e esse é o sr. Beaubourg... Peço-lhe que me acompanhe.

— Afinal de contas, respondeu o velho coçando a cabeça, e fingindo-se perplexo; afinal de contas é um objecto de duas viagens...

— Eu pago as passagens.

— Não se trata d'isso; trata-se do incommodo, em fim, vou acompanhal-o... mas só parto depois d'amanhã; quero descansar.

Donaciano levantou-se, beijou a mão do velho, e exclamou:

— Obrigado! mil vezes obrigado!

(Continua).